

Uma jangada na Bahia

O troféu Jangada foi criado em 1985, na XIV Jornada Internacional de Cinema da Bahia, para premiar um filme a ser escolhido por um júri da Organização Católica Internacional de Cinema, mundialmente conhecida pela sigla OCIC. A aceitação do prêmio pela direção da Jornada partiu da verificação de que havia muitos elementos comuns, em ambas instituições, quanto aos critérios de escolha dos filmes. Se a Jornada lutou "Por um Mundo Mais Humano" na sua longa trajetória de 30 anos, a OCIC identificou-se desde sua fundação pela missão de promover obras audiovisuais dignas de nota por valores humanos, sociais, espirituais e estéticos. A premiação da Jangada estendeu-se mais tarde a outros eventos brasileiros: Festival de Brasília, Guarnicê do Maranhão, Festival Internacional do Cinema Ambiental de Goiás, Mostra do Cinema Etnográfico do Rio de Janeiro.

Fundado em Bruxelas, no ano de 1927, desde os anos 50 o núcleo internacional da OCIC tem marcado presença regular nos grandes festivais de cinema, como Cannes, Berlim, Veneza e San Sebastian, a par de intensa atividade na edição de livros, distribuição de vídeos e em projetos para formação de públicos. Premiou, entre centenas de outros filmes, duas obras marcantes de Pier Paolo Pasolini, em decisões que provocaram grande polémica: **O Evangelho segundo Mateus** e **Teorema**. No Brasil, o interesse pelo cinema já era partilhado, no final dos anos 30, por um grupo de intelectuais católicos, reconhecidos por sua atuação em diversos segmentos da sociedade, entre eles Jonathas Serrano, Alceu Amoroso Lima e Octávio de Faria. Este último, famoso pela força literária da sua "Tragédia Burguesa", participou da fundação do Chaplin Club, fórum pioneiro dedicado à apreciação e ao debate de filmes.

Sob a benéfica influência de estudos e pesquisas na área da Filmologia, disciplina acadêmica que emergiu na Europa sob a liderança de André Bazin nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, criou-se no Rio de Janeiro o Centro de Cultura Cinematográfica, dedicado à orientação dos espectadores sobre a qualidade dos filmes nacionais e estrangeiros exibidos no Brasil. Estimulado por Dom Helder Câmara, então secretário da nascente Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNNB), o Centro era dirigido pelo padre Guido Logger, um holandês de voz poderosa que trazia na sua bagagem a vivência com os filmes da primeira fase de Ingmar Bergman, inédi-

tos por aqui. Seus conhecimentos foram partilhados naquela época por jovens críticos de cinema, que se tornariam famosos por sua atuação na primeira fase do Cinema Novo: David Neves, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade. Os críticos que atuavam no Centro como voluntários tinham oportunidade de assistir aos filmes que seriam comercializados e eram previamente exibidos, em sessões fechadas, para exame da Polícia Federal. O saudoso Ronald Monteiro contava que nasceu dessa experiência seu conhecimento e paixão pelo cinema japonês, inaccessível então aos cariocas porque exibido exclusivamente em salas de São Paulo e do interior paulista, onde se



Na Reitoria da UFBA, em 1985, a entrega do primeiro troféu Jangada da OCIC, ao filme "Fala só de Malandragem", de Denoy de Oliveira

concentravam os imigrantes nipônicos. Eu mesmo tive o prazer de assistir numa dessas sessões o **Viver**, de Akira Kurosawa, filme que marcou de modo decisivo meu gosto pelo cinema.

Apesar de ter reunido a certa altura cerca de meia centena de integrantes, a OCIC-Brasil preferiu seguir o caminho da informalidade em lugar de optar por uma estrutura institucional. Cosme Alves Netto, grande articulador das políticas do cinema brasileiro, foi um dos seus membros mais dedicados. O grupo atual é integrado por personalidades do setor audiovisual e da área acadêmica, como Cireneu Kuhn (Verbo Filmes), Genésio da Silva Filho (Sistema Salesiano de Comunicação), Heliana Barros (UFMG), Miguel Pereira e Angeluccia Habert (PUC-RJ), José Marinho de Oliveira, professor da UFF e ator de memoráveis desempenhos no cinema nacional. Os cineastas Vladimir Carvalho, Alfredo Alves e Pedro Jorge de Castro, entre muitos outros, participaram eventualmente em júris organizados pelo grupo.

Para conhecimento dos leitores, sobretudo os das gerações mais recentes, vale a pena mencionar alguns filmes e vídeos premiados com o Troféu Jangada nas Jornadas da Bahia. Na impossibilidade de incluir todos os contemplados, esta relação foi elaborada com o objetivo de mostrar a variedade de temas e propostas de linguagem que foram objeto das escolhas da OCIC-Brasil:

1985 - XIV Jornada: **Fala só de malandragem**, de Denoy de Oliveira

1986 - XV Jornada: **Igreja da Libertação**, de Sílvio Da-Rin

1988 - XVII Jornada: **P.S.W. - Uma crônica subversiva**, de Paulo Halm e

sob a inspiração da proposta do Evangelho, têm a finalidade de promover a vida pessoal, social e cultural de cada ser humano e de cada comunidade. A OCIC-Brasil, integrada através de seus membros individuais à nova instituição, decidiu manter seu nome tradicional, passando a denominar-se OCIC/SIGNIS-Brasil.

Por tradição, a outorga do prêmio Jangada é sempre acompanhada de um pequeno texto, com a intenção de justificar a escolha do Júri. A título de curiosidade e informação aos leitores, transcrevo a justificativa para o filme **Fala só de malandragem**, de Denoy de Oliveira, premiado pela OCIC-Brasil na XIV Jornada Internacional de Cinema da Bahia:

O Júri da OCIC-Brasil aproveita a oportunidade de sua participação, pela primeira vez, neste já consagrado Fórum de intercâmbio de filmes e idéias sobre o cinema independente, à luz da proposta "Por um Mundo Melhor", para fazer as seguintes observações:

1. Sobre o filme premiado, aplaude primeiramente a sensibilidade do cineasta Denoy de Oliveira pela sua descrição do processo de reintegração social desenvolvido em penitenciária feminina, através de peças teatrais escritas e interpretadas pelas detentas. Destaca a feliz abordagem feita pelo filme, não apenas na sua dimensão de denúncia, mas também como tomada de posição solidária e crítica sobre a responsabilidade da sociedade diante do drama da mulher brasileira em situação de confinamento. Releva ainda a estruturação que o filme faz dos diversos aspectos da realidade abordada, superando com criatividade os limites cênicos impostos pelo espetáculo teatral.

2. O Júri da OCIC-Brasil louva também a inclusão, nesta XIV Jornada, de filmes latino-americanos em língua espanhola, a maioria deles constituindo doloroso testemunho das lutas de libertação dos povos, oprimidos pelas distorções sociais e políticas dos países em que vivem. Reconhece nesses filmes um grande esforço voltado para a superação de obstáculos de toda ordem na sua produção e ressalta, também, a importância da participação coletiva do próprio povo na elaboração dos roteiros e nas propostas de trabalho dos documentários, através dos quais o cinema impõe-se como registro único da memória histórica das nações.